

# **A Pessoa Idosa no Povo de Deus**

## **Reflexão bíblica em torno da situação dos velhos (\*)**

**Erhard S. Gerstenberger**

Devemos partir de um fato muito simples: Não existiram ancionatos na antigüidade bíblica. Por que não se encontram ancionatos nesta época? Era menor a sensibilidade dos homens diante das necessidades dos velhinhos? Faltava o amor ao próximo? Não, não podemos nem pensar nesta direção, culpando os nossos antepassados de negligência. Ao contrário: As razões principais para a falta de asilos eram: uma vez, o melhor funcionamento da família que garantia sustento e calor humano para as pessoas idosas, e, em segundo lugar, o número relativamente pequeno de pessoas idosas. Na antigüidade, geralmente, um ser humano não ultrapassava, por muitos anos, a idade média das pessoas, ou seja os 35 a 40 anos. Certamente houve alguns poucos setuagenários ou gente na casa dos oitenta. Mas eram realmente raros esses casos, e fora os heróis primordiais, que alcançaram idades extraordinárias, temos pouquíssimas referências a pessoas bem idosas: Eli tinha 98 quando se acidentou, ouvindo notícias sobre a perda da arca (1 Sm 4,15,18); Davi era "velho e entrado em dias", quando não mais foi capaz de dirigir efetivamente a nação e nem mais se entusiasmou pela beleza da jovem Abisague (1 Rs 1,1-4). Tais casos excepcionais de velhice, evidentemente, não puderam incentivar a construção de ancionatos. Além disso a maioria desses velhos estava bem amparada no seio da própria família. Foi somente a sociedade industrial moderna, com a diminuição da família, com o aumento do número de pessoas idosas, com o aumento da idade média até uns sessenta ou setenta anos, que criou o problema dos velhinhos abandonados. Então, como medida de emergência, se iniciou a instalação de asilos para pessoas idosas que não tinham mais lugar na sociedade normal.

Mas mesmo admitindo diferença entre as condições de vida de outrora e de hoje, vale a pena investigar os papéis e destinos da

---

(\*) Versão revisada de palestra proferida no primeiro encontro de dirigentes de ancionatos da IECLB, realizado em Gramado, em 10 de novembro de 1978.

pessoa idosa na Bíblia, pois é da Escritura Sagrada que nós retiramos, até hoje, a inspiração para o nosso próprio comportamento social e individual. Por isso queremos refletir sobre a dignidade da pessoa idosa e o desprezo dos velhos na Bíblia, para melhor reconhecermos as nossas tarefas e falhas em relação a este segmento da população.

## 1. O RESPEITO PRESTADO AOS VELHOS NA BÍBLIA

O que esperamos da Bíblia, de fato encontramos nela: A Escritura prega respeito aos velhos, por parte de jovens ou de pessoas mais novas. Eis alguns exemplos: “Diante das câs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus: Eu sou o Senhor.” (Lv 19,32). No mesmo capítulo lemos, e este mandamento coincide mais ou menos com o quinto do decálogo: “Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai ...” (Lv 19,2). O Novo Testamento, por sua vez, perpetua essa linha de admoestação: “Rogo igualmente aos jovens: Sede submissos aos que são mais velhos ...” (1 Pe 5,5).

Surge, então, diante de nossos olhos um ideal bem conhecido, qual seja o de uma sociedade, na qual a pessoa velha recebe o máximo de atenção e respeito. Cabeios brancos são, em si, um sinal do privilegiado. Em termos de honra, o ancião quase ocupa o mesmo nível, que o próprio Deus. Pelo menos é isso que a norma de Lv 19,32 quer sugerir, com a sua combinação de duas regras básicas, a de honrar a pessoa idosa, bem como a Deus. Até se usa o mesmo verbo, “Temer”, para descrever uma vez, a atitude adequada diante de Javé (Lv 19,32), e, outra vez, a atitude diante dos pais (Lv 19,2). Podemos concluir, tranqüilamente, que a posição elevada do velho é um resultado, no contexto desses mandamentos, do papel educativo dos pais. São eles, que comunicam aos filhos o acervo das experiências da fé em Deus. “Quando teu filho de futuro te perguntar ...”, constitui uma frase básica dos ensinamentos da lei deuteronômica (cf. Êx 13,14; Dt 6,20). O pai tem que responder as perguntas do menino, explicando para ele os grandes feitos de Deus na história de Israel.

Convém, contudo, elaborar um pouco mais as razões que levaram a sociedade e comunidade israelitas a uma estima tão elevada em relação aos anciãos. Generalizando as observações já feitas a respeito do ensino religioso nas famílias israelitas podemos dizer: Toda a sociedade naquela época era orientada para os valores tradicionais. O profeta Jeremias certa vez disse, denunciando as apostasias e inovações da sua época: “Assim diz o Senhor:

Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para as vossas almas ..." (Jr 6,16). Da mesma forma, grande parte da mensagem profética deve ser entendida desta perspectiva "tradicionalista", quer dizer: a tese fundamental, a regra básica para toda convivência entre homens e com Deus são aqueles preceitos já fixados na antigüidade. É por isso, que os recabitas, igualmente na época de Jeremias, recusam-se a tomar vinho, ou morar em casas de material. Pois o antepassado deles lhes tinha ordenado uma vida estritamente nômade, fora das cidades, fora da vida agrícola (Jr 35,5-10). É por isso, que um filho rebelde contra os pais, sem mais, sem menos era levado para "os anciãos da cidade", e o veredito era o de apedrejamento do "marginal" (Dt 21,18-21). É por isso que nos livros de sabedoria se coloca tanta ênfase no fato, experimentado em toda a vida, de que simplesmente era necessário para as crianças obedecer as instruções de pai e mãe para sobreviverem. (cf. Pv 1,8s; 2,1ss; 3,1ss etc.).

Isto quer dizer: Toda a vida do homem na época bíblica transcorreu em moldes pré-estabelecidos. Foram raras as mudanças de costumes, linguagem, estruturas sociais. Aprovados e úteis eram aqueles padrões de vida que os antepassados usavam. E isto valia para todos os campos da existência. Os métodos de trabalho, seja no artesanato, seja na agricultura ou em qualquer profissão, permaneceram os mesmos por séculos sem fim. A arte de usar bronze e ferro para fabricar "instrumentos cortantes", por exemplo, se atribuiu a Tubalcaim, aquele herói primordial, descendente direto do assassino Caim (Gn 4,22). Numa constatação dessas se pressupõe que a humanidade praticamente sempre conheceu o uso desses metais; conclusão lógica do estado estável e imutável da sociedade. "Sempre foi assim", esse slogan tinha muito mais força do que hoje. Quando Tamar rejeitou o pedido de Amnon de ter relações com ele, ela lhe respondeu: "Não, meu irmão, não me forces, porque não se faz assim em Israel: não faças tal loucura". E depois de ter sido violentada, a moça insistiu: "Não, meu irmão; porque maior é esta injúria, lançando-me fora, do que a outra que me fizeste." (II Sm 13,12.16). Isto significa: Houve, nesta época, fortes padrões de comportamento, aceitos pela comunidade, sagrados por causa da sua antigüidade. A vida, enfim, se desenvolveu dentro desses padrões pré-estabelecidos.

É perfeitamente claro que nesta estrutura social, voltada para as tradições antigas, a palavra, a experiência, a decisão do velho eram extremamente importantes. Foi nos anciãos que se concretizou para a família, a tribo ou a nação, toda a experiência do passado. Eles preservaram os conhecimentos adquiridos pelo gru-

po, pela sociedade. Não é de estranhar, portanto, que nós encontramos os velhos, via de regra, em posições de liderança ou destaque. Os patriarcas de Gênesis são exemplos de líderes tribais, possuindo o poder último, dentro de seu respectivo clã, até o momento de falecer. Assim se relata a morte de Abraão: "Foram os dias de vida de Abraão cento e setenta e cinco anos. Expirou Abraão: morreu em ditosa velhice, avançado em anos: e foi reunido ao seu povo." (Gn 25,7s). E o último na seqüência dos patriarcas, José, "viveu cento e dez anos. Viu José os filhos de Efraim até à terceira geração ..." (Gn 50,22s). Essas afirmações mostram, que a vida do homem era uma ascensão contínua. Ele nasce, ainda sem consciência, cresce e se adapta ao grupo de convivência, torna-se um membro valioso desse grupo e, enquanto está acumulando as experiências vivenciais, assume mais e mais responsabilidades para com o grupo. Ele vai, na medida do seu avanço em anos, orientar os seus descendentes. Pois a importância do homem velho para os seus dificilmente diminui. Ao contrário, cresce de dia em dia. A vida, então, para os Israelitas era um processo de amadurecer dentro e em prol do grupo familiar e tribal. Quanto mais velha era uma pessoa, tanto maior era a sua estima social, e muitas vezes, o seu poder, dentro do seu agrupamento.

Poderíamos comprovar esses fatos ainda com inúmeros exemplos bíblicos. Basicamente tal sistema de organização social permaneceu até a nossa época pré-industrial. Somente a implantação de uma nova maneira de pensar, pesquisar, manipular a natureza, de produzir e inovar todas as coisas, finalmente transformou os sistemas estáveis da sociedade. Lembremos: Pressuposição para o respeito profundo diante da velhice, como o apreendemos no Antigo e Novo Testamentos, sempre é a validade da experiência feita durante a vida. Nos nossos dias se mudaram essas condições prévias de honrar a pai, mãe, pessoa idosa. Hoje em dia a novidade manda em quase todos os campos de vida. Os ídolos da humanidade na maioria dos casos são jovens. As experiências feitas durante alguns anos de vida podem envelhecer e se tornar inúteis ou até perigosas. Aqueles que não aprendem cedo a se adaptar sempre de novo a novas técnicas de produção, a novas modas, novos comportamentos, costumes, regras, moradias, profissões, etc. vão perder o contato com a realidade e se tornar supérfluos, antiquados, peças de um museu. Por isso, cada pessoa da sociedade industrializada, durante a sua vida relativamente longa, tem que apreender em média duas ou três profissões em vez da única profissão do pai. Por isso cada um de nós tem que constantemente estudar, revisar os seus conhecimentos para ficar a par da situação como profissional, cidadão, ser humano. Por isso o velho, na nossa sociedade,

necessariamente fica marginalizado; dificilmente ele pode compartilhar as suas experiências e os seus conhecimentos com filhos e netos. Pelo menos nos campos científico, técnico, político e econômico, o velho não mais entende os acontecimentos e as pessoas mais jovens riem dele quando ele começa a admoestar os seus descendentes dizendo: "Na minha juventude era assim e assim. Por conseguinte, vocês têm que resolver este ou aquele problema da seguinte maneira ...".

O mesmo conflito entre as gerações se faz sentir também no campo da fé em Deus. Antigamente, os velhos possuíam as confissões e afirmações certas a respeito de Deus. Hoje, a juventude está cheia de suspeitas em relação à fé dos pais. As pessoas menos idosas ou se tornam indiferentes ou saem dos padrões teológicos e eclesiais dos antepassados, em busca de novas expressões de fé. Os movimentos juvenis do passado, às vezes seguindo o lema: "Não confie em ninguém com mais de trinta anos", e do presente têm fortes traços de uma religiosidade nova, mais adequada às necessidades da época. E, muitas vezes, nesta religiosidade se manifesta um protesto contra a fé dos pais. Seria impossível, hoje, descrever Deus como homem muito velho (cf. Dn 7,9: "o Ancião de dias", com "os cabelos da cabeça como a pura lã").

## 2. DESRESPEITO E MARGINALIZAÇÃO DO VELHO NA BÍBLIA.

O que falamos até agora permaneceu quase que exclusivamente no nível teórico. Foi um ideal que nós encontramos principalmente nos escritos da lei e da sabedoria do AT. O homem velho – no auge de sua estima e seu poder social – isso de fato era o sonho, e provavelmente muitas vezes também a realidade israelita. Por outro lado, havia muitos conflitos entre jovens e velhos, mesmo dentro dessa sociedade patriarcal.

Podemos afirmar algo bastante semelhante a respeito de nosso tempo. Há muito idolatria em torno de juventude, sexualidade, moda, progresso, velocidade, força etc. Mas mesmo assim, nesta base ideológica, florescem, curiosamente, figuras dominantes de cunho patriarcal; há certamente, às vezes, grande calor humano e amor aos velhos pais, etc. Isto significa: Felizmente a realidade humana não corresponde totalmente com os ideais expostos em leis e discursos solenes. Examinemos, brevemente, os conflitos típicos entre os velhos e os jovens no Antigo Testamento.

Temos, em I Sm 2, o caso dos filhos perversos de Eli. Eli foi, até a sua morte com 98 anos de idade (I Sm 4,15), o chefe de uma

família de sacerdotes, que prestava serviços no importante santuário de Silo, no território central de Palestina, pertencendo à tribo de Efraim. A narração bíblica, então, descreve o serviço de dois filhos de Eli, de nome de Hofni e Finéias, como tendo sido contra as regras básicas do sacerdócio. Eles retiveram as melhores partes dos animais sacrificados, antes de dedicar o animal ao Senhor, como sacrifício bem aceitável. Intimidaram inclusive os donos do sacrifício, caso não concordassem com esse procedimento. (I Sm 2,12-17). Mais ainda, esses filhos perversos abusaram das “mulheres que serviam à porta da tenda da congregação” (I Sm 2,22). O que aconteceu? “Eli, já muito velho, ... disse-lhes: Por que fazeis tais cousas? ... Não, filhos meus, porque não é boa fama esta que ouço; estais fazendo transgredir o povo do Senhor ...” (I Sm 2,22ss) “Entretanto, não ouviram a voz de seu pai, porque o Senhor os queria matar.” (I Sm 2,25). Por conseguinte, eles morrem quando acompanham a arca de Javé numa batalha contra os filisteus. Os inimigos capturam esse símbolo religioso de máxima importância para as tribos de Israel. (I Sm 4,17). – O que se mostra nestes textos? Nem sempre os filhos seguiram os mandamentos dos pais. Houve transgressão de normas vitais da sociedade, transgressões tais que mereceram a pena de morte. Mais importante ainda: O pai e chefe de família, sacerdote principal neste santuário, não é capaz de disciplinar os filhos. Eles simplesmente ignoram as exortações do pai, continuando a sua vida desastrosa. Revela-se, portanto, um conflito característico entre as gerações, o desprezo das normas estabelecidas por parte dos jovens. É um conflito típico de ordem ético-religiosa. Em nossos próprios dias vivenciamos, de modo reforçado e intensificado, tais conflitos entre os velhos e seus descendentes. – Um exemplo semelhante se apresenta no momento em que as tribos do norte e do sul tentam decidir a sucessão de Salomão. Roboão, filho de Salomão, manda os representantes do povo para casa, a fim de se aconselhar a respeito das questões políticas referentes à sucessão. Os conselheiros idosos, já experimentados nos negócios políticos, através do seu serviço sob o rei Salomão, recomendam o atendimento dos desejos do povo. Mas Roboão “desprezou o conselho que os anciãos lhe tinham dado, e tomou conselho com os jovens que haviam crescido com ele ...” (I Rs 12,8). Estes, por sua vez, indicam firmeza e rigidez como atitude preferível para um rei – e Roboão perde a coroa do reinado do norte. O narrador deste evento histórico quer destacar a inviabilidade de um comportamento que não se alimenta das fontes tradicionais.

Há outros exemplos da tensão entre as gerações no Antigo Testamento. Dissemos antes, que a experiência acumulada traz

consegue poder dentro da família, do clã etc. Então se constata, que esse poder nas mãos dos velhos não fica sem contestação por parte da nova geração. Tal comportamento parece muito humano e conhecido. Os filhos querem usurpar o poder dos pais. Já nas mitologias do Oriente Médio, p.ex. nos textos de Ugarit, encontramos lutas pelo poder – neste caso até no nível divino. É o jovem deus Baal que destrona o seu pai El. E a visão psico-analítica de Sigmund Freud assinala um aspecto de luta entre filhos e pais, já nos tempos primordiais da humanidade. Não é de estranhar, portanto, que também os contos do AT preservem incidentes de luta pelo poder paterno. A história mais conhecida deveria ser aquela da briga dos filhos de Davi entre si e contra o próprio rei, para ganhar a sucessão (cf. II Sm 15 – I Rs 2). Morrem, nesta luta, nada menos que dois filhos de Davi, ou seja Absalão e Adonis; um outro, Amnon já havia sido eliminado por Absalão um pouco mais cedo (I Rs 13). Venceu Salomão, através de uma intriga contra o velho rei, instigada por Bate-Seba e Natã; e Salomão era apenas o décimo filho na lista dos 17 que se preservou no AT (cf. II Sm 3,2-5; 5,14-16). – Da mesma forma podemos apontar para a intriga de Rebeca e Jacó contra o cego, Isaque, para conquistar a bênção paterna para o filho mais novo, contra todas as regras de herança (Gn 27). Ou, considerando uma outra regra básica da sociedade de outrora, a saber, a escolha da nora e do marido da filha pelos próprios pais, constatamos violações freqüentes que causaram angústia e ira nos velhos e na família maior (cf. Gn 34,7.30; Jz 14,1-4; Gn 26,35: Neste último versículo lemos: Esaú tinha tomado como esposas duas moças dos heteus, Judite e Basemate, “ambas se tornaram amargura de espírito para Isaque e para Rebeca.”) Ainda dentro desta categoria de contestação da autoridade paterna, embora de uma espécie um pouco diferente, podemos enumerar as violações sexuais do pai pelos filhos. São uma vez as filhas de Ló que seduzem o pai bêbado para conceber descendência dele (Gn 19,30-38). No outro caso Cão, “pai de Canaã, vendo a nudez do pai (também bêbado), fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos.” (Gn 9,22). Aparentemente, o fato de se ver o pai nu, e talvez gostar disso, já era uma ameaça à autoridade patriarcal. – Assim, podemos resumir: Apesar das idéias elevadas de respeito diante das pessoas mais velhas, e apesar de todos os mandamentos neste sentido, aconteceram, em Israel, grossas violações dessa regra fundamental da sociedade patriarcal.

Temos que considerar, porém, mais um caso sério de desprezo dos velhos, que não se liga diretamente com a luta pelo poder ou pela propriedade do pai, nem com a contestação das regras éticas de comportamento, o assim chamado “bom ou mau procedimento” da geração nova. Trata-se de testemunhos bíblicos

mostrando um desprezo quase legal ou legalista dos velhos. O que acontecia, quando uma pessoa idosa enfraqueceu de tal maneira, que não mais podia exercer as suas funções públicas e familiares? Ou pior ainda: O que significaria, no contexto do mundo antigo, uma doença séria ou até extraordinária numa pessoa velha? Sabemos bem, que nestes casos os membros da família e os vizinhos facilmente podiam concluir: A pessoa doente foi castigada por Deus. A razão secreta da aflição seria um pecado, uma transgressão da ordem divina. E ambos os aspectos, o do pecado, bem como o do castigo conseqüente, trariam graves conseqüências para os familiares e próximos da pessoa culpada. Uma reação bem lógica, nesta situação, seria tentar reabilitar o atingido ou – caso fracassar tal tentativa – simplesmente afastar-se dele, deixando-o entregue a seu destino.

Para mostrar, que tudo isso não é uma mera especulação, devemos comparar dois textos. O primeiro se encontra no livro de Jó, nos capítulos 29 e 30. Lembramos que Jó foi maltrado por Satã, sem motivo outro que o de ser tentado em sua fidelidade a Deus. Mas os amigos de Jó, que vieram para confortá-lo, acreditaram firmemente na culpa do aflito. Todos os discursos deles giram em torno dessa culpa, causadora do mal. Jó, por sua vez, com veemência crescente, recusa tais insinuações. E numa dessas respostas amargas aos amigos conselheiros ele relata como foi respeitado antes de sua calamidade e doença, e como agora todo mundo está se afastando dele, desprezando-o:

“Ah! quem me dera ser como fui nos meses passados ...  
 como fui nos dias do meu vigor,  
 quando a amizade de Deus estava sobre a minha tenda ...  
 quando saía para a porta da cidade  
 e na praça me era dado sentar-me.  
 Os moços me viam, e se retiravam;  
 os idosos se levantavam e se punham em pé ...  
 Havendo eu falado não replicavam,  
 as minhas palavras caíam sobre eles como orvalho ...  
 Eu lhes escolhia o caminho, assentava-me como chefe  
 e habitava como rei entre as suas tropas ...” (Jó 29 ...passim)

“Mas agora se riem de mim,  
 os de menos idade do que eu  
 e cujos pais eu teria desdenhado  
 de pôr ao lado dos cães do meu rebanho ...  
 Mas agora sou a sua canção de motejo  
 e lhes sirvo de provérbio.

Abominam-me, fogem para longe de mim  
 e não se absterem de me cuspir no rosto.  
 porque Deus afrouxou a corda do meu arco, e me oprimiu ...  
 Deus, tu me lançaste na lama  
 e me tornei semelhante ao pó e à cinza.  
 Clamo a ti, e não me respondes.  
 estou em pé, mas apenas olhas para mim.  
 Tu foste cruel contra mim ..." (Jó 30 ...passim)

Num outro capítulo, Jó 19, o desamparo e a isolamento da sociedade, por causa de suspeita de crime perigoso, ainda são descritos de maneira mais viva:

"Pôs longe de mim a meus irmãos,  
 e os que me conhecem,  
 como estranhos se apartaram de mim.  
 os meus parentes me desampararam,  
 e os meus conhecidos se esqueceram de mim.  
 Os que se abrigam na minha casa  
 e as minhas servas me têm por estranho  
 e vim a ser estrangeiro aos seus olhos.  
 Chamo o meu criado, e ele não me responde:  
 tenho de suplicar-lhe, eu mesmo.  
 O meu hálito é intolerável à minha mulher,  
 e pelo mau cheiro sou repugnante aos filhos de minha mãe.  
 Até as crianças me desprezam,  
 e, querendo eu levantar-me, zombam de mim.  
 Todos os meus amigos íntimos me abominam,  
 e até os que eu amava se tornaram contra mim." (Jó  
 19,13-19)

Aqui temos, portanto, uma descrição nítida e intensa do isolamento social de um homem, tido por castigado por Deus, e, por isso, perigoso e insuportável para a sociedade. Este tipo de pessoa era, na época, o que é hoje um subversivo, criminoso, marginal, maníaco etc.; quer dizer, ela era uma ameaça interna para os outros. Sabemos bem, que as sociedades antigas, bem como todas as sociedades modernas, tentaram afastar-se dessas pessoas. Assim, os israelitas e os judeus da época de Jesus obrigaram os leprosos a se manterem longe das habitações humanas (cf. Lv 13,45: "As vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo, imundo!"). Em outros casos, certamente, houve julgamento e execução daquele que evidentemente fora condenado por Deus. O

uso do "Juízo divino", uma prova da inocência através de meios mágicos ou testes perigosos (cf. Nm 5,11ss), é bem atestado no AT, servindo como purificação do organismo social. (Lembremos: Não existiam ainda prisões, sanatórios, asilos, onde se pudesse colocar membros perigosos da sociedade).

Para o nosso tema isso significa: Foi justamente sobre a pessoa velha que, muitas vezes, caiu a suspeita de ser castigada por Deus. Pois, na velhice aumentavam as doenças, fraquezas e debilidades. Prova disso é o famoso salmo 71, uma oração de pessoas velhas, tentando salvar-se da isolamento e do ostracismo.

"Para muitos sou como um portento,  
mas tu, Senhor, és o meu forte refúgio. ...  
Não me rejeites na minha velhice,  
quando me faltarem as forças, não me desampares.  
Pois falam contra mim os meus inimigos;  
e os que me espreitam a alma consultam reunidos,  
dizendo: Deus o desamparou;  
persegui-o e predei-o,  
pois não há quem o livre." (Sl 71,7-11)

Vemos o cerne do problema: Quando surgia a impressão de que a pessoa velha estava desamparada por Deus, os homens próximos se sentiam livres da responsabilidade em relação a ela. O desamparo humano tem raízes religiosas, ou melhor: ele tende a ser justificado com motivos religiosos. "Deus o desamparou, persegui-o e predei-o ...". Numa forma muito secularizada este mesmo esquema ainda se aplica hoje.

Dependendo da profissão do velho, ele vai ouvir, mais cedo ou mais tarde na sua carreira, entre 40 e 60 anos de idade, que não mais está ao par da realidade atual. Começa aquela discriminação contra os "velhos" que no nível mais baixo da pirâmide social faz com que um trabalhador simples já alcança o seu auge profissional por volta dos trinta anos. Depois dos 40 ele está praticamente marginalizado, sob constante ameaça de ser demitido, substituído, e não mais encontrar emprego. Isso tudo acontece, nos nossos dias, não em nome de Deus, mas sim, em nome de uma juventude deificada. Em nome da força produtiva da economia, uma divindade secularizada, que exige milhões e milhões de sacrifícios em vidas humanas.

### 3. RESULTADOS E ATUALIZAÇÃO

Convém agora resumir e atualizar as nossas poucas observações feitas principalmente no Antigo Testamento.

3.1. O problema da velhice tem os seus traços característicos de acordo com a estrutura e a ideologia geral da sociedade, na qual se tenta decidir sobre o destino da pessoa idosa. A sociedade patriarcal em Israel e no judaísmo posterior valorizava bastante a experiência dos velhos, em ambos os sentidos: ou seja a experiência cultural e a experiência religiosa. Por isso concedeu, pelo menos teoricamente, um lugar de destaque para cada "cabeça de cabelos brancos". Nós já constatamos, que justamente esse fundamento de respeito aos velhos, a experiência válida, acumulada durante décadas, não mais vale na nossa sociedade voltada para o progresso, para a inovação ilimitada, para as forças produtivas e lucrativas da economia. Acontece que na nossa sociedade as experiências não só de uma geração, mas também de uma só pessoa, envelhecem mais rapidamente do que o próprio portador dessas experiências. As regras de trânsito, os direitos políticos, a maneira de morar, plantar, brincar, o sistema escolar, o comportamento ético etc.etc. se mudam constantemente, nem se falando das mudanças nos processos de produção e de trabalho, que estão por trás de todas as outras alterações. Numa sociedade, na qual cada um tem que ultrapassar constantemente as próprias experiências, e se adaptar às novas situações criadas pelo homem, não há lugar nem para o respeito incondicional à pessoa velha, nem para a obediência patriarcal. Ela é vista como figura ridícula, antiquada, no máximo como objeto da misericórdia. Se nós queremos encontrar uma forma humana de vida, isto é, da convivência entre as gerações, temos que recorrer ao mandamento de Cristo. Ele ensinava amor ao próximo que é fraco, inferior. Os idosos, considerados pouco úteis nas nossas sociedades produtivas, sob o mandamento de Cristo de novo se tornam pessoas, que merecem respeito, carinho, auto-determinação, participação. Isto leva à nossa tarefa geral: A comunidade cristã, a meu ver, tem que zelar pela inclusão dos fracos, desprivilegiados, marginalizados, na nossa sociedade. Qualquer forma de paternalismo, de tutela sobre os velhos deve ser combatida. A pessoa idosa, da perspectiva cristã, é um membro válido da comunidade, apesar das suas fraquezas físicas, mentais, e as suas experiências antiquadas em termos de tecnologia, economia, ciência etc. Resta a pergunta, se não há ainda outras experiên-

cias, ou sejam, conhecimentos profundamente humanos e teológicos, que mantêm a sua validade através de todas as mudanças sofridas.

3.2. O poder nas mãos de velhos patriarcas, curiosamente, ainda em nossa época, de vez em quando, se torna um problema. Seja, que numa determinada família a avó ou o avô mandam nos filhos e netos, não respeitando os direitos legítimos das novas gerações no tocante a mudanças no estilo da vida, da cultura, da fé. Seja numa empresa, numa organização qualquer, numa nação, onde pessoas idosas e autocratas não querem abrir mão do poder, e impõem, às vezes cruel e arbitrariamente, as suas decisões aos outros. Aí se deve procurar um equilíbrio democrático. Não podemos reviver, em determinadas situações, a estrutura patriarcal e um tanto tirânica do Antigo Testamento.

3.3 Em geral, contudo, o problema maior na nossa época é a marginalização das pessoas velhas. Poderia contar histórias sem fim sobre a existência miserável, porque isolada, dos velhos em nossos centros urbanos. Vivem e morrem, muitas vezes, totalmente sozinhos nos seus quatinhos, lá no último andar dos grandes edifícios. São esquecidos, pela própria família e pela vizinhança. Condenados à morte muito antes de morrerem. Os ancionatos, que conheci na Alemanha, em grande parte somente aliviavam a miséria física. Providenciavam alimentos, moradia, assistência médica. Mas não conseguiam superar o isolamento dos velhos da sociedade, fonte última do sofrimento deles. Ao contrário, reforçaram esse isolamento, pela reclusão em um lugar, pelas atitudes patriarcais do pessoal de serviço, pela privação total de quaisquer funções e responsabilidades. Os moradores de um ancionato, via de regra, são tratados como menores de idade ou imbecis. Frente a essa situação nós temos a obrigação cristã de procurar por uma nova valorização da velhice e de suas experiências.